

EMERGÊNCIA E DESAFIOS DA SOCIOLOGIA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL EM MOÇAMBIQUE: o que os sociólogos têm a dizer?

Dário Júlio Albino Maunze e António Domingos Braço

Universidade Pedagógica (UP), Moçambique



A ser publicado na: Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública - ISBN 2307-3896

Data de submissão: 19/11/2020

Data de aceitação: 29/12/2020

Data de publicação: xx/xx/xxxx

Como citar este artigo: Maunze, D. J. A., Braço, António Domingos. Emergência e desafios da sociologia em tempos de isolamento social em Moçambique: o que os sociólogos têm a dizer?. **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública.** *Pre-print*, 2020.

Este é um arquivo PDF de um artigo que sofreu aprimoramentos após a aceitação, como a adição da página de rosto, metadados e a formatação para facilitar a leitura, mas ainda não é a versão definitiva. Esta versão passará por revisão e edição de texto adicionais antes de ser publicada no seu formato final. Esta versão foi disponibilizada para fornecer visibilidade antecipada ao artigo. Observe que, durante o processo de produção editorial, podem ser descobertos erros que podem afetar o conteúdo.

Artigo de revisão

EMERGÊNCIA E DESAFIOS DA SOCIOLOGIA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL EM MOÇAMBIQUE: o que os sociólogos têm a dizer?

Dário Júlio Albino Maunze e António Domingos Braço

Universidade Pedagógica (UP), Moçambique

RESUMO: A temática rescrita aqui é uma reflexão sobre a sociologia em contextos atípicos à sua natureza, caracterizados pelo “distanciamento social” como uma realidade consequente da pandemia, evidenciando o seu papel. A revisão bibliográfica foi o principal método usado, mas também contou com opiniões de alguns aspirantes à sociologia. Contudo, percebe-se que a ideia do isolamento físico e outras medidas de prevenção indicadas pelas organizações de saúde pública não implicam necessariamente em um isolamento social, um isolamento da prática sociológica, pois os meios digitais vem ganhando corpo nas últimas décadas o que também pode ser útil para sociologia.

Palavras-Chave: COVID-19, Distanciamento social/Distanciamento físico, Sociologia digital.

EMERGENCY AND CHALLENGES OF SOCIOLOGY IN OF TIMES SOCIAL ISOLATION IN MOZAMBIQUE: what do sociologist have to say?

ABSTRACT: The theme rewritten here is a reflection on sociology in contexts atypical to its nature, characterized by “social distance” as a consequence of the pandemic, highlighting its role. The bibliographic review was the main method used, but it also had the opinion of some aspiring sociology. However, it is clear that idea of physical isolation and preventive measures indicated by public health association do not necessarily imply social isolation, isolation from sociological practice, as the digital media has been gaining body in the last decades, which can also be useful for sociology.

Keyword: COVID-19, Social Distance/ physical, Digital Sociology.

Correspondência para: (correspondence to:) dariojulio1@gmail.com

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020 fomos confrontados com uma doença infecciosa emergente, para a qual não há tratamento, nem vacina, nem imunidade preexistente. A história social das pandemias faz-nos aprender que elas ocorrem ao longo da vida humana e ocasionam profundas rupturas e transformações no sistema social, o que permite, actualmente, que a terapia das doenças não seja apenas de carácter biológico ou biomédico como era nas décadas 60, mas ela conta significativamente com o carácter social (GRISOTTI, 2020).

O debate sobre a emergência e desafios enfrentados pela sociologia em Moçambique, nos permite discutir as singularidades da produção intelectual nesses contextos, evidenciando tanto suas limitações quanto suas potencialidades. Porém é evidente que a necessidade duma ciência sociológica surge num contexto de tamanhas transformações sociais na Europa no século XIX impulsionados por dois movimentos denominados Revolução Industrial e Revolução Francesa, tendo como principal mentor o filósofo positivista Augusto Comte (1798-1857).

Nessa altura a sociologia aparece como filha da modernidade, com o intuito de “sistematização da reflexão social e por outro lado instrumento de intervenção social” como resultado do mundo moderno que ganha corpo com as revoluções burguesas (MACAMO, 2002, p. 7).

A partir deste contexto histórico do surgimento da sociologia, segundo Iann (1988, p. 8), o “mundo moderno depende da Sociologia para ser explicado, para compreender-se. Talvez se possa dizer que, sem ela, esse mundo seria mais confuso, incógnito”, até porque as transformações sociais quer sejam a nível local ou global ainda são manifestas pela realidade social impulsionados pelos diversos fenómenos sociais como é o caso actual da nova pandemia do COVID-19.

O *modus operandi* da nova pandemia exige a desconfiguração habitual no sistema social. A ideia do isolamento social/distanciamento social é umas das ideias que tem sido transmitida à sociedade como forma de prevenir-se e evitar a possibilidade infecção ou propagação. Aliás, o debate pode começar mesmo a partir deste conceito “isolamento social/distanciamento social/distanciamento físico entre pessoas” qual é conceito adequado para sociologia. O contexto de isolamento social em alusão reflecte, neste período, o carácter biomédico no processo terapêutico, porém, “a enfermidade não é meramente um estudo do sofrimento, mas também de uma realidade social” (ALVEZ, 1993, p. 2). Outrossim, a abordagem da sociologia em relação aos problemas de saúde, são compreendidos em sua dimensão social e não individual.

Mas, antes, importa referir que esta reflexão nasce dos apontamentos do que Karen Kendrick (2020), um Professor de Sociologia na Universidade Albertus Magnus, ao inquietar-se com esta nova dinâmica, a qual a sociedade está sujeita. Para que serve a Sociologia em tempos da nova Pandemia da COVID-19, onde a realidade social ao redor do mundo é caracterizada pelo isolamento social? As teorias sociológicas (clássicas e contemporâneas) são suficientes para explicar que todos devemos “ficar em casa” e manter a calma? Em relação à sociologia prática (pesquisa), será que os métodos vigentes não estarão em extinção neste período?

Neste contexto, torna-se pertinente a temática em questão, considerando que a abordagem sociológica em matérias de saúde investiga a determinação que exercem os contextos sociais e institucionais sobre as enfermidades e os comportamentos delas decorrentes (UCHÔA e VIDAL, 1994).

A ideia geral deste debate é compreender sobre o saber sociológico em tempos de isolamento social, pois isso pode ajudar no dia-a-dia de um sociólogo a fazer o seu trabalho neste contexto. Para tal, precisa-se focar nos seguintes aspectos: indicar o papel da sociologia em tempos do isolamento social; caracterizar a forma como as teorias sociológicas podem ajudar a explicar a realidade que a sociedade moçambicana apresenta actualmente; descrever a emergência e os desafios da sociologia em Moçambique nos referidos tempos de isolamento social; à indicar os métodos adequados para responder a necessidade actual na pesquisa de campo.

METODOLOGIA

Em relação aos aspectos metodológicos, a revisão de bibliográfica foi método recorrente para a elaboração do presente artigo, considerando a investigação em material teórico sobre o debate dos desafios da sociologia em tempos do isolamento social. Portanto recorreu-se a análise de dados teóricos em revistas, artigos e livros.

No entanto, para além da revisão bibliográfica contou-se com um trabalho de campo que culminou com a recolha de quatro entrevistas de opinião de aspirantes à sociologia, aliás novos graduados em sociologia, como forma de combinar os elementos teóricos e diversas opiniões de pessoas formadas na área de sociologia. No contexto de recolha de dados, em obediência as medidas de prevenção de COVID-19 fez-se entrevistas usando os seguintes meios: chat-no whatsapp e troca de e-mail. A selecção dos participantes foi intencional e por acessibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O papel da Sociologia face a realidade do COVID-19 em Moçambique

A emergência epistemológica de uma ciência que pudesse tomar como objecto de estudo “o social”, devido a diversas transformações que caracterizavam as sociedades industriais e o mundo inteiro de forma geral, abriu um espaço para a constituição de um saber sociológico, com definições epistemológicas claras sobre o seu papel para a comunidade.

É verdade que o objecto de estudo da Sociologia levantou algum debate sobre o seu objecto de estudo e talvez controvérsia no meio dos sociólogos daquela época, como é o caso de Facto social ou Acção social. No entanto, os elementos entre esta dualidade de objecto de estudo perpassam para os sociólogos de hoje como uma “tradição” para sociologia, a ideia, por exemplo, da exterioridade, coerção, generalidade, o isolamento entre pesquisador e o objecto e interacção interpessoal, isto é, “se Durkheim se preocupava com os elementos sociais que existem para além do indivíduo e das concepções individuais, a atenção de Weber era voltada para o sentido que os agentes dão às acções que realizam” (OLIVEIRA, 2012, p. 299). Esta diversidade de pressuposto de ideias por partes dos referidos sociólogos clássicos fez com a responsabilidade da Sociologia ficasse cada vez mais clara e eminente para as comunidades.

Imagina-se que estes pressupostos dos clássicos sobre o papel da sociologia previa um determinado contexto social, porém as transformações sociais não pararam depois das revoluções que marcaram o surgimento da Sociologia. Um outro contexto revolucionário na sociologia é marcado pela análise referida em Ulrich Beck (2011) quando fala sobre a sociedade de risco, argumentando que na modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de risco. Consequentemente, aos problemas e conflitos distributivos da sociedade [...] sobrepõem-se os riscos científicos-tecnologicamente produzidos” (BECK, 2011, p. 23).

O contexto da metamorfose social que se apresenta no país e no mundo em resultado da nova Pandemia do COVID-19, o confinamento, isolamento social ou distanciamento físico não foi previsto na sua análise social. Porém, este não é o ponto pelo qual se pode definir uma crise da Sociologia, considerando que o seu *modus operandi* estaria em causa. Aliás, o que se pode considerar é que a metamorfose social pode ampliar, ou também trazer mudanças metodológicas no campo prático da Sociologia, mas o papel da sociologia continua intacta.

O sociólogo tem a responsabilidade de fazer o estudo da sociedade e os fenómenos que nela ocorrem, pois, os seres humanos são seres sociais. As construções e transformações do mundo são dinâmicas. Por isso, é necessário estudar a diversidade de grupos sociais, as interacções entre indivíduos. É tarefa da sociologia compreender os modos de organização das sociedades e como elas convivem no seu dia-a-dia, as formas de pensamento e o impacto que podem causar.

A dinâmica social actual no contexto da COVID-19 manifesta, mais uma vez, o papel que a Sociologia deve ter para as comunidades, até porque a sua decadência a fecundação como uma ciência da sociedade, só pode ser levada em consideração quando o seu objecto de estudo estiver em extinção. Nesta ordem de ideia, apesar do confinamento e do isolamento social, que foi estabelecido como uma das regras impostas pelas organizações de saúde pública para conter a propagação da pandemia. O que se reflecte na dinâmica das relações interpessoais comuns, nas práticas sociais do dia-a-dia, na forma de organização e relações laborais, criando assim uma nova forma, ou um novo normal. A sociologia continua a ganhar espaço neste período, pois esta nova configuração social carece de ser compreendida.

A sociologia, neste momento tem uma grande responsabilidade, considerando as novas relações sociais, na medida em que pode ajudar a tornar visíveis os aspectos da vida social, que, por

consequência do vírus e do isolamento, se evidenciam, como é o caso das desigualdades sociais, relações de género, as diferenças de classes sociais entre grupos, as interações sociais digitalizadas, entre tantos outros elementos que neste momento podem tornar-se “facto social” através da imaginação sociológica. Olhando para um contexto prático dessa realidade, a Sociologia pode intervir nos casos de estigmatização, o que faz com que os sujeitos sejam vistos de maneira diferente: discriminados ou deixando-os em desvantagem. Ou seja, uma simples “tosse” virou uma grande “bomba”, que ninguém quer ouvir. A “tosse” passa de um problema de interesse biomédico para social e sociológico, porque a tosse carrega consigo, hoje, processos sociais de estigma ou discriminação. Geralmente, na época de frio era comum “tossir”, mas agora mesmo com frio ninguém “tosse”, pois a pessoas querem evitar represálias.

A Sociologia nos tempos da pandemia não sugere uma nova tarefa diferente, isto é, precisa continuar preparada para fazer descobertas no meio social, apontando soluções para o conhecido e o desconhecido do presente na sociedade. Outro caso para o qual a Sociologia é útil é, por exemplo, o relacionado com a renitência social ao confinamento e à observância de outras medidas de segurança. Considerando que a sociologia é dotada de instrumentos teóricos e metodológicos adequados para pesquisas de natureza social, ela podia esclarecer as representações das atitudes sociais dessa renitência ao confinamento.

Contudo, segundo Grisotti (2020) no contexto da Saúde e Doença,

O diagnóstico, as informações sobre a exposição ao risco e o tratamento dependem, cada vez mais, de factores sócio-antropológicos. Por isso, sociólogos e antropólogos, através de suas peculiares ferramentas teóricas e metodológicas, detêm, muitas vezes, a chave para a explicação de padrões epidemiológicos particulares e para o auxílio na construção de uma consciência de interdependência, requerida para a governação global em saúde (GRISOTTI, 2020, p. 6).

Faz-se necessário, então, que a Sociologia seja capaz de criar métodos científicos que tornem possível distinguir entre o normal e o patológico na ordem dos fenómenos sociais.

Distanciamento social ou Distanciamento Físico entre Pessoas?

Nos tempos da pandemia da COVID-19, falar sobre o distanciamento físico entre pessoas e distanciamento social parece ser a mesma coisa. Porém, há uma necessidade de *desconfinar* essa percepção, porque o distanciamento físico não é distância social. Mas, então qual seria a diferença, e qual seria o termo aplicado a Sociologia?

Pensar no distanciamento social implica pensar de forma antagónica aos pressupostos epistemológicos da Sociologia. A Sociologia alemã (fundada por Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e Leopold Von Wiese no final do século XIX) considera que o conceito da interacção social é uma questão básica da Sociologia. Abordar aspectos centrais dessa Sociologia é uma forma de se pensar a comunicação em sua dimensão internacional e constitutiva da sociedade (COOLEY, 1976).

Isolamento social tem sido usado frequentemente. Em seu uso quotidiano, anterior à pandemia, isolamento social referia-se ao “comportamento pelo qual uma pessoa ou grupo de pessoas, voluntária ou involuntariamente, se afastam de interações e actividades sociais” (SIMMEL, 1973, p. 63).

A sociedade é, portanto, “apenas aparentemente uma soma estética de instituições sociais; na realidade, é ela diariamente estimulada e renovada por actos individuais de natureza comunicativa, acarretando a participação dos homens nela”. Bom, entender a construção da realidade social como processo interacção e entendê-la como fenómeno comunicacional, significa poder lançar luzes sobre distintos fenómenos sociais quede outra forma assumem uma

conformação mais determinista da realidade social (SAPIR¹, 1976, p. 161, apud COOLEY, 1976, p. 48).

Agora, podemos imaginar o que seria da sociologia sem “*o social*”, este que é caracterizado pela interacção social, pelas relações quotidianas cuja principal base é a relação interpessoal no meio social? Dai que temos que repensar a forma como disseminamos as medidas de prevenção contra a COVID-19. Aliás temos que clarificar os conceitos de isolamento social e distanciamento físico, para quês e possa salvaguardar a objectividade desejada. Imagino que disseminação do isolamento social neste período da COVID-19, não visa cortar as relações interpessoais, mas garantir que as pessoas estejam distanciadas para evitar o contacto físico e consequentemente a propagação do vírus.

A divulgação do *slogan* “fique em casa” tem tido um papel muito importante na luta contra a pandemia da COVID-19, tem sido um dos poucos recursos de que dispomos. Entretanto, não podemos esquecer, por exemplo, que parcela significativa das famílias moçambicanas desfavorecidas, que vivem em situações de grupos domésticos com números avultado de membros e sem condições para garantir seu sustendo enquanto confinadas. Com isso, pode observar-se desobediência das medidas.

Evidentemente não se pode esquecer também da parcela significativa de trabalhadores que não podem “ficar em casa”, por participarem em actividades essenciais, na saúde e na segurança, bem como os que a actividades comerciais como garantia do “pão de cada dia”. Porém o “fique em casa” não nos fornece uma matriz suficiente de como sair desse problema. Está na hora de trocarmos o termo distanciamento social por distanciamento físico.

Neste âmbito, Uchôae e Vidal (1994) fazem-nos perceber um dos principais elementos no processo de campanha ou de disseminação de determinadas medidas de prevenção de doenças infecciosas, afirmando que “devem também ser levadas em consideração os factores culturais que podem comprometer o sucesso dessas campanhas” (p. 498).

Para conter o contacto com vírus precisamos de um distanciamento físico entre pessoas enquanto matemos as relações interpessoais, porque não se sabe quem está ou não infectado. Segundo Lei 13.979/20, de 6 de Fevereiro que regula as medidas de prevenção do corona vírus, o distanciamento físico significa fazer uma mudança em nossas rotinas diárias para minimizar o contacto próximo com outras pessoas, incluindo “evitar locais de aglomerados ou encontros, evitar saudações comuns, tais como aperto de mão, manter a distância mínima recomendada com outras pessoas”.

A partir do conceito de distanciamento físico muita coisa fica que não é necessário o isolamento das relações interpessoais. Esta a medida é simples, podendo ser estendida a todos, por conta própria ou com o apoio do poder público, como aconteceu com a “camisinha” no combate ao HIV/SIDA.

Contudo, o distanciamento físico parece ser adequado para a Sociologia, uma vez que o seu sentido não envolve a restrição total de um contacto social. Nas novas tecnologias de comunicação, o distanciamento social perde a sua lógica, já a partir das tecnologias estamos em permanente contacto com outros mesmo desconectados fisicamente. Aliás, a tecnologia tem a tende a deixar as pessoas cada vez mais próximas.

¹ SAPIR, Edward. Cultura, linguagem e personalidade: ensaios seleccionados. Berkeley: Universidade da Califórnia Press, 1976.

As Teorias Sociológicas como Suporte Explicativa para a Realidade da COVID-19 em Moçambique

A expressão “Teoria Sociológica” remete-nos, por vezes, a uma esfera de carácter filosófico, a uma dimensão onde pairam ideias tingidas de matizes metafísicas que, em princípio, parecem dizer muito pouco sobre o mundo real. No entanto, na redacção do livro de Turner sobre a Emergência da teoria Sociológica, zelou-se que os conceitos teóricos se mantivessem atrelados à realidade que possibilitou sua construção (TURNER, *et al*, 2016).

Neste contexto, teorias sociológicas têm sido um modelo explicativo de fenómenos sociais emergentes, pois elas ilustram a natureza sociológica dos acontecimentos sociais, e estes, são conhecidos habitualmente pela sociologia como “factos sociais”. Isto é, a teoria sociológica orienta ideias e especificidades históricas das diversas transformações sociais que acontecem na sociedade.

É evidente que a realidade da COVID-19 apresenta uma metamorfose social já mais prevista por teóricos da sociologia. Entretanto, este contexto de medo, de risco de infecção ou transmissão do vírus, para a qual se propõe a um isolamento físico entre indivíduos, a sociologia pode nos afortunar com teorias que ajudam a compreender o dia-a-dia da sociedade moçambicana e do mundo em geral.

Neste período, a sociologia pode contar com a teoria de Beck (2011) que fecunda o conceito de “sociologia do risco”. Esta teoria não previa a situação do risco do vírus, porém o conceito permite analisar o que estamos a passar actualmente. Beck defende a ideia de que a modernidade passa por um momento de ruptura histórica, assim como ocorreu na passagem da sociedade feudal para a sociedade industrial. A diferença é que não representa o fim da Sociedade Moderna, mas sua reconfiguração caracterizada pela produção e desatribuição de riquezas, isto é, caracterizada por uma sociedade industrial de risco, na qual a produção de riscos domina a produção de bens. Este autor entende a sociedade de risco como um mundo de incertezas fabricadas através de inovações tecnológicas e respostas sociais mais aceleradas, criando um novo cenário de risco global de incertezas não quantificáveis. A sociedade de risco representa de certo modo uma era de descontrolo, como as fórmulas físico-químicas (por exemplo as toxinas nos alimentos ou ameaças nucleares).

Decorrentes dos factos da modernidade de Beck, a pandemia da COVID-19, fora de representar uma ameaça sob um ponde vista biomédico, representa uma ameaça para o contexto social no seu todo, pois ameaça a dinâmica cultural, na medida em que há incertezas sobre as perspectivas de algumas práticas culturais como por exemplo os ritos de iniciação, ameaça à economia social, na medida em que questiona-se como as pessoas poderão manter suas economias enquanto o acesso a bens e serviços estiverem confinadas. Afecta também na política na medida em que as estatísticas (quantos infectados, quantos recuperados, quantos mortos) possam gerar uma certa desconfiança, pois os números de casos elevados chamam atenção, para considerar-se que Estado carece de uma ajuda externa. Vemos actualmente uma dinâmica de remeter os cidadãos a um isolamento doméstico, tarde ou cedo teremos que perguntar qual será dinâmica política, ou que tipo de sociedade ou cidadania estará a ser criada neste tempo confinamento. O acesso aos testes e tratamento, mais do que fortificar laços de solidariedade, podem fortificar laços de desigualdade social e estigma.

Um outro aspecto que sirva de base teórica para sociologia neste período é a referida “Modernidade Líquida” de Zygmunt Bauman, caracteriza a sociedade moderna considerando-a com termos como “fluidez, liquidez e leveza” em oposição aos seguintes termos “fixidez, solidez e peso” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Nesta ideia, os últimos termos designam a “modernidade sólida” que é caracterizados por um modo de vida do bem social dos estados, neste período fala-se de Estado-Nação, cidadania, burocracias, classes sociais, instituições sociais tradicionais presentes nos modelos de família e outros elementos da idade moderna que garantiam uma identidade firme e estável, e os primeiros são referentes à presente fase da Modernidade, a qual chamou “modernidade líquida” que é caracterizado por incertezas, dúvidas e imprecisão sem um centro de gravidade específico, é uma fase aguda de privatização e individualização da vida e consumo. A modernidade líquida nos obriga a rever a construção da identidade (BAUMAN, 2001). A COVID-19 afecta a identidade social, pois ela representa incertezas e dúvidas no meio social, ela transforma o dia-a-dia das comunidades, pois limita convívios sociais, formas de saudação entre outros aspectos da vida tradicionalmente estabelecidas pela sociedade.

A realidade que Bauman nos remete pressupõe uma compreensão de uma a modernidade sem ilusões, onde tudo está sempre a ser permanentemente desmontado, sem perspectiva alguma de permanência. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam constantemente. Com esta teoria podemos acreditar que as doenças infecciosas como é caso da COVID-19 influenciam os estilos de vida, revolucionam os meios de produção, as artes e a ciência de forma geral e da prática sociológica de forma particular, na medida em que as metodologias habituais de estudos sociais apresentam necessidades de um desdobramento para poder equação a nova realidade. Bauman (2001) assegura uma reflexão de medo ou medos, que é um meio muito eficaz para compreendê-lo e conviver com ele, pois o que não conseguimos compreender e controlar, portanto, o que nos apresenta de forma desconhecida, nos atemoriza. Reflexão que aqui não se assimila à mera abstracção ou contemplação, mas sim com um agir de tal modo que possamos modificar nossas relações sociais, produções e acções.

Com a metamorfose social causada pelo COVID-19 tem se vivenciado uma situação de medo, medo de manter as relações sociais que envolvem proximidade física entre indivíduos, medo de propagação mais agressiva. Neste contexto por exemplo, devemos pensar e realizar práticas de solidariedade mais intensificadas. Mudar o dia-a-dia actual “ficar em casa” de tal maneira que possamos buscar equilíbrio na relação entre liberdade e segurança. Pensar e actuar com o sentimento de que se vive ou convive-se em um mundo comum, que precisa ser melhor cuidado por todos, a partir do sentimento de responsabilidade assumido em todas as esferas sociais, políticas e económicas.

Um outro conceito que não deve ficar esquecido no contexto em alusão, é conceito de “anomia”, desenvolvido por Durkheim nas obras “A divisão social do trabalho (1893)”, “Suicídio (1897)” e depois na “A educação moral (1902)”, como forma de apontar as causas do desregramento da sociedade na sociedade industrial no século XIX, ligadas ao conflito entre interesses individuais e ou submissão moral à realidade social dos indivíduos. Para Durkheim, o conceito é caracterizado por ausência de normas, leis reguladoras, porém, “a sociedade não é apenas um objecto que atrai para si, com intensidade desigual, os sentimentos e a actividade dos indivíduos. Mas também é um poder que os regula” (DURKHEIM, 1987, p. 303).

Neste contexto, a anomia é uma situação social que produz o enfraquecimento dos vínculos sociais e perda da capacidade da sociedade em regular o comportamento dos indivíduos, gerando, por exemplo, fenómenos sociais como o suicídio. Trata-se de uma ausência de um “corpo de normas sociais” capaz de regular o convívio social marcado pela “solidariedade”, conforme o seguinte argumento do sociólogo: “se a divisão do trabalho não produz solidariedade, é porque as relações dos órgãos não são regulamentadas, é porque estão num estado de anomia” (ibid, p. 162).

Neste caso, a pandemia constitui um estado anómico, opõe-se à solidariedade, pois observamos que a pandemia tem provocado efeitos devastadores na “sociedade de trabalho”, onde há

evidências de uma ameaça à coesão social, à habitual vida em comum sob um ponto de vista de restrição de proximidades interpessoais, costumes sociais que levam a laços de abraços e beijos como por exemplo as formas de saudação.

O desenrolar dessas teorias e sua relação com COVID-19, visa mostrar que as teorias sociológicas continuam a ser um modelo explicativo para a realidade social que temos atravessado, que o isolamento físico como uma das medidas vinculadas pelos titulares responsáveis pela saúde pública no mundo e em Moçambique em particular, não precisa ser caracterizado definitivamente por um isolamento social, e muito menos um isolamento sociológico.

O desenrolar das teorias, visam representar que há ainda uma matriz sociológica suficiente que sirva de um suposto explicativo para diversos problemas sociais, que precisem de uma análise sociológica nos trabalhos de campo. Não se quer aqui, afirmar que os trabalhos sociológicos devem concertar-se só na realidade da COVID-19, mesmo ciente de que esta realidade tem chamado atenção de várias áreas de saber.

Um modelo teórico é uma representação simplificada do mundo. Utilizamos o modelo para melhor entender a realidade. A realidade é muito complexa para ser descoberta de uma vez só. Dai que há necessidade de recortá-la, estudá-la parcela por parcela.

A construção do modelo teórico significa também uma selecção da teoria adequada a realidade que pretende compreender, o que pressupõe uma boa qualidade dessa selecção. Isto é, a escolha das categorias que serão usadas durante a pesquisa, à “aplicação de grades que implicam pressupostos teóricos”. Pois a realidade não pode ser observada sem estabelecer de antemão um modelo teórico de explicação do real (BOURDIEU *et al.*, 1968).

Na realidade, esta etapa serve para construir uma grade de entendimento dos factos sociais um prisma através do qual os factos serão observados e analisados. A partir da construção do modelo teórico, vamos poder processar os dados levantados e determinar a validade das observações realizadas em relação ao objecto de pesquisa. Porém a etapa da construção do modelo de análise é imprescindível para o pesquisador afastar-se das pré-noções e a pesquisa ganhar em objectividade, libertando-se da “sociologia espontânea” para integrar o campo das pesquisas de ciências sociais.

Os Desafios e Metodologias da Pesquisa no Trabalho de Campo em tempos da COVID-19 em Moçambique

Dada a situação da pandemia da COVID-19 implicam também uma mutação da habitual forma de elaboração de trabalhos de campo ao nível nas ciências sociais e humanas de forma geral e da Sociologia em particular. Evitar proximidades físicas nas relações interpessoais implica também evitar proximidades entre o pesquisador e o colectivo ou o sujeito a ser envolvido na pesquisa. Com o afastamento, como é que os pesquisadores podem continuar a fazer pesquisas sociais, estudar comunidades e grupos sociais se todos nós (pesquisador e sujeitos da pesquisa) devemos “ficar em casa”.

O meio “digital” desenvolvido pelo avanço tecnológico tornou-se no principal meio de proximidade entre pessoas neste período designado “fique em casa”. Entretanto, que fique claro que a pandemia da COVID-19 não impulsionou o advento dos referidos meios digitais. Porém estes meios foram revolucionados com o aparecimento da Internet. Segundo Boquimpani a “internet foi concebida em 1969 pelo Departamento de Defesa Norte-americano e consistia em uma rede nacional de computadores disponíveis para prover uma comunicação emergencial, em caso de algum ataque externo” (BOQUIMPANI, 2009, p. 15).

Antes do COVID-19, Bauman (2001) na referida “modernidade líquida” já havia evidência do que o mundo actual vive de floidão as nas relações sociais. Isto quer dizer que, com o avanço da tecnologia no século XXI, as pessoas tendem a se relacionar mais por meio de aparelhos electrónicos do que pessoalmente. Neste contexto, evidentemente existiriam mudanças urgentes na aquisição das competências necessárias para o ofício de sociólogo, especialmente em relação ao uso de novas tecnologias na pesquisa e na divulgação científica da sociologia. Neste aspecto, James Witte considera que “na medida em que as tecnologias de informação e comunicação baseadas na Internet transformaram a sociedade, elas transformaram, também, a disciplina da sociologia [...] Além disso, abordagens específicas à pesquisa sociológica também se transformaram” (WITTE, 2012, p. 83).

A situação social que envolve a transformação da “disciplina” sociológica suscita em 2000 uma proposta de uma “Sociologia digital”, como sociólogo da Universidade de Chicago Andrew Abbott em um visionário artigo denominado “Reflectionson the future of Sociology”². Entretanto, o termo “Sociologia digital” apareceu pela primeira vez na literatura académica de língua inglesa, em 2009, no artigo “Digital Sociology: emergenttechnologies in the fieldandthe classroom”³ do ProfessorJonathan Wynn na Smith College. Ele descreve o que seria o estágio seguinte da sociologia e que “deveríamos treinar os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia” (WYNN⁴, 2009, p. 449, apud NASCIMENTO, 2016, p. 220).

Com a proposta da Sociologia digital, que significaria envolver as tecnologias habituais de interacção social no processo de pesquisa, como uma forma de criar uma ponte de aproximação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, encontramos um outro desafio: as plataformas digitais podem não incorporar aquilo que é comum à Sociologia, a questão da pesquisa face-à-face, através da qual o pesquisador busca no seu sujeito de pesquisa elementos válidos no processo de recolha de dados, a partir de uma interacção directa entre ambos; e o modo de participação e observação do pesquisador neste contexto de ameaça do COVID-19, pois o pesquisador também deve “ficar em casa”.

Para este contexto, as tecnologias digitais parecerem estar muito evoluídas, pois permitem através de plataformas digitais *Facebook*, *whatsapp*, *twitter* entre outras, que os utentes mantenham um contacto directo, sem contar que muito deles perpassam tudo sobre seu dia-a-dia, o que torna possível observar as relações estabelecidas entres os sujeitos. Estas e várias outras plataformas digitais podem permitir que os pesquisadores façam chamadas de vídeo, onde ele pode interagir face-à-face obedecendo o distanciamento físico necessário.

Segundo Witte (2012), a medida que se torna mais realista, a tecnologia de animação em 3D proporciona oportunidades interessantes para as ciências sociais, inclusive a possibilidade de conduzir entrevistas utilizando um agente personificado: uma representação em 3D de uma pessoa actuando como um agente entrevistador em nome do pesquisador. As tecnologias digitais são hoje dotados de habilidades de reconhecimento da fala e de geração de voz, os agentes entrevistadores personificados representam uma equipe de entrevistadores de baixo custo e sempre disponível, que segue exactamente o roteiro da entrevista, além de ter a capacidade de assumir as características sociais e demográficas com melhores possibilidades de gerar confiança junto a um determinado respondente e, desse modo, reduzir os efeitos de atractividade social.

²A reflexão sobre o futuro da sociologia.

³Sociologia digital: tecnologias emergentes no campo e na sala de aula.

⁴ WYNN, J. R. Sociologia digital: tecnologias emergentes no campo e na sala de aula. Fórum Sociológico, v. 24, n. 2, 1 jun. 2009. pp. 448-456.

É evidente que este processo de digitalização de meios de recolha de dados junto de sujeitos não nos dá a totalidade do trabalho. Contudo, há uma necessidade de trabalhar mais com sujeito de pesquisa e confiar um pouco mais nestes sujeitos. Permitir que o diário de pesquisador seja preenchido de notas que o sujeito pode lhe facultar por e-mail ou outro meio tecnológico. O mesmo acontece no processo de entrevistas, se o pesquisador não puder ir ao encontro do sujeito então, ele pode se beneficiar destes meios, porque eles permitem tal contacto e muitas delas permitem gravar e posteriormente fazer-se uma transcrição dos dados e a análise como o habitual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum nesta metamorfose social que as pessoas procurem se distanciar de tudo, acreditando estar a evitar a propagação da pandemia do COVID-19. Realmente, a ideia é nobre, pois é uma questão de saúde pública. Porém, na temática rescrita aqui, procura-se transmitir a ideia de que o isolamento físico e outras medidas de prevenção indicadas pelas organizações de saúde pública não implicam necessariamente em um isolamento social e muito menos sociológico. Isto é, encontramos uma luz nas questões de Kendrick (2020) sobre o exercício sociológico no contexto em que vivemos, marcados pelo distanciamento físico resultantes da pandemia da COVID-19 destacando que: (a) o arsenal teórico e metodológico para a produção pesquisa sociológicas deve adequar-se à nova realidade, caracterizada pelo isolamento. Neste prisma, quanto à ideia de uma “Sociologia Digital”, refira-se que o conceito não é de hoje, mas parece ser uma das saídas metodológicas e um meio que pode ser muito útil para o pesquisador. O avanço tecnológico, permite um contacto directo, apresenta também elementos que permitam observar as relações sociais. É verdade que pesquisas com base nas tecnologias podem não ser totalmente fiáveis, mas o pesquisador terá que desenvolver ambientes que visam dar credibilidade e confiança entre o pesquisador e sujeito da pesquisa. Neste contexto, o desafio está no acesso aos recursos tecnológicos que possam permitir tal interação. Mais do que isso, os próprios sujeitos no processo de pesquisa devem ter habilidades e domínio de meios tecnológicos; (b) os profissionais das diversas áreas têm exercido suas actividades. É verdade que trabalham com máscaras de protecção facial, algumas vezes luvas e verificando também a questão de distanciamento necessário. Acreditamos que assim como estes profissionais o sociólogo pode também apropriar-se de elemento para dar seguimento dos seus trabalhos de pesquisa; e por fim (c) são necessárias contribuições no domínio da pesquisa em terapia social sobre a pandemia e não só, produzindo e divulgando conhecimentos e práticas a partir das demandas que se impõem nas realidades concretas e emergentes, denunciando e propondo novas formas de cuidado.

REFERÊNCIAS

- ALVEZ, P. C. **Experiência da Modernidade**: considerações teóricas. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v.9,n.3, p.263-271, jul/sep, 1993.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. & PASSERON, J. **Ofício de Sociólogo**. Metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, ed. 6, Editora Vozes-Petrópolis, Rio de Janeiro, 1968.
- BOQUIMPANI, E. M. Redes Sociais na Internet: comunicação corporativa e interatividade. Rio de Janeiro. Monografia – Bacharel em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

- COOLEY, C.H. O significado da comunicação para a vida social. In: IANNI, Octavio et al. (org.). **Homem e Sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.p.168-179.
- DURKHEIM, É. **O suicídio**. São Paulo, Ed. Martins Fontes. 1897.
- DE OLIVEIRA, E. **O Papel da Sociologia, segundo Émile Durkheim e Max Weber**. Volume 11, artigo de revista POS, p. 297-315, 2012.
- GRISOTTI, M. Pandemia de COVID-19: agenda de pesquisas em contextos de incertezas e contribuições das ciências sociais. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n.2, e300202, 2020
- IANNI, O. **A Sociologia e o Mundo Moderno**. Aula Inaugural. UNICAMP, Campinas, IFCH, Março-1988, pág. 8.
- KENDRICK, K. **É para isso que serve a Sociologia?** 2020, Horizontes ao Sul. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/03/%C3%89-PARA-ISSO-QUE-SERVE-A-SOCIOLOGIA>. Acesso em: 03 de Abril de 2020.
- NASCIMENTO, L. F. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, v.18, n. 41, p. 216- 241, Janeiro/Abril 2016.
- MACAMO, E. **A constituição duma Sociologia das Sociedades Africanas**. Estudos Moçambicanos 19, Universidade de Bayreuth, Alemanha, 2002.
- SIMMEL, G. **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.p.63-81.
- TURNER, J. et al. **A Emergência da Teoria Sociológica** Petrópolis: Vozes, 2016. p. 486.
- UCHÔA, E. & VIDAL, J. M. Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença. **Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro**, v.10, n.4, p.497 504, Oct/Dec, 1994.
- Ulrich, BECK. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 211-229, 2010.
- WITTE, J. C. A Ciência Social digitalizada: avanços, oportunidades e desafios. **Sociologias**, v. 14, n. 31, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/34927>. Acesso em: 23 julho. 2020.
- Lei nº 13.979, de 6 de Fevereiro de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do corona vírus responsável pelo surto de 2019**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. 27, seção 1, p. 1, 7 Fev 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 7 abril 2020.